

# Vídeos: presentes em 91% das estratégias de marketing se consolidam como peça central da comunicação digital

O consumo de vídeos alcançou níveis recordes nos últimos anos, impulsionado pelo uso massivo de dispositivos móveis e pela lógica do consumo sob demanda

Em um cenário de excesso de informações e atenção cada vez mais fragmentada, o formato audiovisual consolidou-se como uma das principais formas de comunicação digital. A popularização dos vídeos curtos em plataformas como Reels, Shorts e TikTok, além do crescimento das transmissões ao vivo, indica uma tendência de busca por conteúdos mais diretos, dinâmicos e alinhados às expectativas de autenticidade do público.



Segundo o relatório Estatísticas de Marketing de Vídeo 2025 da DemandSage, 91% dos profissionais de marketing já incorporam vídeos em suas estratégias e 90% relatam ROI positivo. Além disso, 82% dos consumidores afirmam que assistir a um vídeo influenciou diretamente sua decisão de compra. O estudo também revela que os vídeos representam hoje 82,5% do tráfego global da internet, evidenciando a força do formato.

estratégias integradas de marketing, a PX/BRASIL, agência de inovação e marketing integrado, tem apoiado marcas de diferentes segmentos a transformar ideias em narrativas audiovisuais estratégicas. A agência aposta no conceito de Marketing Innovation, que vai além das tendências ao integrar criatividade, tecnologia e propósito para gerar autoridade e diferenciação em mercados saturados.

passou de um recurso complementar para se tornar peça central nas estratégias de comunicação. “O vídeo é uma das ferramentas mais completas para gerar autoridade, encurtar jornadas e humanizar a relação entre marcas e pessoas. Com ele, conseguimos mostrar claramente o que diferencia uma empresa: sua entrega real, sua equipe e seu impacto. É isso que constrói relevância hoje”, afirma.

Com experiência consolidada na criação de

Para o CEO da PX/BRASIL, Rico Araujo, o vídeo

O executivo destaca que o formato cumpre fun-

ções diferentes ao longo da jornada do cliente, da atração à fidelização, e pode se apresentar em múltiplas versões, como vídeos curtos para redes sociais, conteúdos interativos, transmissões ao vivo ou narrativas documentais. Nesse processo, a integração com inteligência artificial amplia ainda mais as possibilidades, permitindo automação de legendas, versões otimizadas por canal, roteiros dinâmicos e personalização baseada em dados.

De acordo com Rico, o vídeo se tornou um verdadeiro mindset de comunicação. “O vídeo, quando integrado a estratégias multicanal, também potencializa os resultados de SEO, nutrição de leads, geração de autoridade e conversão. Seja no B2B ou no B2C, marcas que dominam essa linguagem criam conexões mais humanas, validam soluções de forma eficiente e constroem relacionamentos duradouros com mais clareza, agilidade e propósito”, conclui.

## Como o Brasil pode liderar a inovação energética mundial?

Alexandre Pierro (\*)

A transição energética global é inevitável. Mas, a pergunta que fica é: quem irá ditar o ritmo e a direção dessa mudança? O Brasil é uma das nações com maior potencial para liderar essa inovação, com uma das maiores e mais diversificadas matrizes energéticas do planeta capazes de guiar na busca por fontes renováveis e ecologicamente benéficas. Uma expectativa, realmente, promissora, porém que dependerá de uma forte governança por trás para que essas ideias se transformem em geração de valor à sociedade.

Esses são apenas alguns exemplos do que poderíamos dedicar esforços por aqui. Mas, o que acabamos vendo, ao invés, é uma insistência em estratégias que não tendem a ser completamente benéficas. Perfurações anunciadas, recentemente, na Margem Equatorial, devido ao potencial petrolífero da região, vêm gerando debates intensos e resistência quanto à limitação deste recurso em nosso meio ambiente, além de argumentos que destacaram que os recursos obtidos com a exploração do petróleo poderiam financiar a transição energética do país para fontes mais limpas.

Diante de um território tão vasto e rico em energias renováveis, muito tem sido direcionado em pesquisas inovadoras neste campo que consigam encontrar soluções cada vez melhores para esse fim. Em 2023, como exemplo, os investimentos públicos orientados em PD&I no setor de energia no Brasil somaram R\$ 5,5 bilhões, segundo dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), um crescimento de 36% em relação a 2022.

Há várias formas de olharmos para nossa matriz energética e buscarmos por novas maneiras inovadoras e sustentáveis que preservem nosso ecossistema e, ao mesmo tempo, garantam o fornecimento elétrico à sociedade. O que falta para colocar isso em prática é, justamente, a governança, nos inspirando em tudo que é feito internacionalmente nesse sentido e adaptando essas boas ideias à nossa realidade.

A maior parte desses recursos vem de programas regulados, como os da ANEEL e da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). Todavia, se há tanto investimento assim, por que ainda não temos resultados significativos? Principalmente, pela falta de estratégia e governança ao levar essa teoria à prática, prejudicados, ainda mais, pelo enorme gap entre as descobertas feitas nas universidades nacionais e o conhecimento dessas pelo mercado.

A própria Aneel disponibiliza uma cartilha orientativa sobre a regulamentação e usos da energia elétrica nacionalmente, o que poderia ser muito bem aproveitado pelas empresas caso quebrassem esse ciclo de insistência em fontes não renováveis, para outras mais limpas e benéficas ao setor elétrico. Falta critérios nas decisões tomadas, assim como um olhar crítico que traga mais inteligência ao determinar quais caminhos seguir.

Os riscos dessa falta de orientação são visíveis quanto à falta de aproveitamento de fontes que poderiam ser completamente benéficas. Um dos exemplos mais nítidos engloba a energia nuclear, capaz de prover energia elétrica de forma confiável, ininterrupta e com baixas emissões associadas, ainda mais com o apoio da IA. Porém, ainda há um enorme medo rotulado a este termo após os famosos acidentes de Chernobyl e Fukushima.

Uma governança estratégica orienta as empresas a estudarem este mercado, e como investir nas fontes renováveis que sejam, de fato, benéficas para cada necessidade, conduzindo este processo com máxima inteligência e cuidado para que obtenham resultados eficazes sem danos ambientais. Ela quebra paradigmas, analisando o que já deu errado, quais planos podem trazer os objetivos desejados, e como preparar o negócio para trilhar essa trajetória com segurança, mitigando possíveis riscos que possam impactar as operações.

Outra fonte também mal explorada é a eólica. Em 2024, dados da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica) mostraram que o número de instalações de novas usinas no país caiu mais de 30% em relação à quantidade registrada em 2023. Por mais que seja uma fonte constante em termos de geração, ainda há formas positivas de utilizá-la. A Alemanha, como exemplo, direciona essa matriz à sua rede hidrelétrica, em um sistema que funciona como “bateria de água”, usando a energia excedente das turbinas para bombear água para um reservatório elevado ou estrutura apropriada, para depois liberar quando houver queda de geração eólica – impulsionando, assim, a eficiência.

Precisamos olhar este tema sob uma perspectiva diferente, pensando não apenas nos resultados capazes de serem conquistados agora, mas levando em consideração onde desejam chegar a longo prazo, conscientizando os times sobre essa importância. Afinal, o próprio Albert Einstein já dizia: “A insanidade é continuar fazendo a mesma coisa esperando resultados diferentes”.

(\*) Mestre em gestão e engenharia da inovação, engenheiro mecânico, bacharel em física e especialista de gestão da PALAS, consultoria pioneira na implementação da ISO de inovação na América Latina.

## Dez mentiras sobre o check-up de saúde

Médicos esclarecem os maiores mitos relacionados aos exames periódicos que podem salvar vidas. Em quem confiar e como agir pode fazer toda a diferença. Entre orientações médicas e crenças populares, o check-up — conjunto de exames periódicos que ajudam a prevenir problemas de saúde — ainda é cercado por dúvidas e interpretações equivocadas. Para separar o que é senso comum do que realmente importa, especialistas explicam o papel dessa ferramenta na promoção da saúde e no diagnóstico precoce.



1. “Quem se cuida bem não precisa de check-up.”  
Falso. Alimentação saudável e exercícios são fundamentais, mas não substituem exames que podem revelar alterações invisíveis no dia a dia.
2. “Se eu não sinto nada, não preciso fazer exames.”  
De acordo com o clínico geral do Hospital São Marcelino Champagnat, Ricardo Gullit Ribeiro, muitos problemas de saúde, como hipertensão, diabetes e câncer em fase inicial, são silenciosos. O check-up ajuda a detectá-los antes de apresentarem sintomas, quando podem ser mais facilmente tratados.
3. “Check-up completo precisa de dezenas de exames caros.”  
Não. A primeira fase do check-up deve ser justamente uma consulta médica, na qual o profissional vai analisar o histórico familiar do paciente, as principais queixas, o estilo de vida, as doenças pré-existentes e, de acordo com a idade e a avaliação diagnóstica clínica, vai então solicitar exames personalizados.
4. “Fazer check-up uma vez na vida já basta.”  
Errado. De acordo com o cardiologista Vinícius Oro Popp, coordenador do serviço de Check-up do Hospital São Marcelino Champagnat, o acompanhamento deve ser periódico, geralmente anual para adultos e idosos, podendo variar conforme o perfil de risco e doença pré-existente de cada pessoa.
5. “Check-up garante que nunca vou ter doenças.”  
Não existe prevenção absoluta. “O check-up reduz riscos e aumenta as chances de tratamento eficaz, mas não elimina totalmente a possibilidade de adoecimento”, ressalta Ribeiro.
6. “Check-up é só para idosos.”  
Falso. Jovens adultos também precisam de acompanhamento, principalmente para identificar colesterol alto, diabetes precoce e infecções sexualmente transmissíveis.

7. “Check-up serve apenas para diagnosticar doenças físicas.”  
Errado. O check-up também avalia saúde mental, qualidade do sono, estresse e até risco de quedas em idosos, ampliando a visão de saúde integral.
8. “Se o resultado do check-up deu normal, não preciso me cuidar.”  
Mito. O check-up não substitui hábitos saudáveis. Ele complementa o cuidado com alimentação, sono, atividade física e saúde mental.
9. “Check-up pode fazer mal por causa da radiação dos exames.”  
A maioria dos exames do check-up não usa radiação (como sangue, urina, ultrassonografia). “Quando há necessidade de raio-X ou tomografia, é feita com segurança e indicação médica”, esclarece o cardiologista.
10. “Quem não tem histórico familiar de doenças não precisa de check-up.”  
Errado. Muitas doenças surgem sem histórico prévio. Segundo Ribeiro, o check-up ajuda a mapear riscos individuais mesmo em famílias saudáveis.

Desmistificar o check-up é um passo essencial para cuidar da saúde de forma consciente. Como reforçam os médicos, a prevenção não depende apenas de bons hábitos ou da ausência de sintomas: ela envolve acompanhamento médico regular, exames adequados ao perfil de cada pessoa e atenção integral ao corpo e à mente. Em vez de temer os resultados, é preciso encarar o check-up como uma ferramenta de autocuidado — afinal, quanto mais cedo se age, maiores são as chances de uma vida longa e saudável. “Muito se fala em longevidade, mas pouco se pensa sobre a qualidade com que vamos viver todos os anos que nos restam”, reflete o cardiologista.